

Um romance

JULIO DANTAS

UM ROMANCE

1
25
63

UM ROMANCE

MONOLOGO

Dedicado ao distincto amador o ex.^{mo} sr. Antonio de Chaby Pinheiro,
e pelo mesmo recitado nos theatros de S. Carlos, Trindade,
Avenida e Principe Real

Não se ria vossencia. Ri-se! Má...
Sou obeso, bem sei, como os kalifas
Antigos de Bagdad...
Nasci para dormir entre alcatifas
Sob pennugens d'eider, noite e dia,
Sentindo a morna aragem
D'um grande leque egypcio de plumagem,
Que uma escrava robusta e lusidia
Agitasse de manso...
E sem ter que fazer, assim, tranquillo,
Eu viveria alegre como um ganso
Banhando-se no Nilo!
Mas era um sonho. Não.
Esse demonio da repartição
Quadrangular, esguia como um tumulo,
Fez-me chegar a obesidade ao cumulo!
Como eu sou gordo! Um medico indicou-me
Uma receita para o mal :— a fome.
E' Velho Testamento. Já é velha.
Emtanto, toda a gente m'a aconselha.
Uma senhora que encontrei n'um baile,—
Pallida como uma anémoma turca,
Magra como as marquezas de *Versailles*,
Disse-me,—emquanto um velho, um rouco Erard
Chorava uma mazurka :
— «E' d'uma obesidade singular!...

Reduza o seu *menu* a violetas
E será magro...» Fiz duas caretas
Comicas, na alegria d'uma aurora

D'oiro, como quem diz :

—«Eu sou muito feliz

Assim, minha senhora...»

E sou, palavra de honra. Uma duqueza
Branca, orgulhosa, de cabello loiro,
—Um typo de ballada norueguesa,
Amou-me. Conhecia a taça d'oiro
Dos Borgias. Certo dia veio o ciume,
E n'um Xerez de excentrico perfume
Deitou-me seis grãos d'opio. Vae d'ahi...
Como vossencias veem, não morri...

Em Paris, uma pallida *chanteuse*

Do Ambigu, deixou-me a resonar,

Bebado de Chartreuse,

N'um dos bancos do velho boulevard.

Epilogo :— roubaram-me o relógio.

Depois, fiz côrte a uma *institutrice*;

Zangámo-nos. Não sei o que lhe disse...

Quando a esquecera já — infeliz miss! —

Achei-lhe n'um jornal o necrologio...

(*chora ridiculamente*)

Ao menos, choro. A lagrima, é a unica

Coisa que não paga contribuição

N'este paiz. Já eu vesti a tunica

Dos martyres do amor. E veem : não

Tenho a linha soberba de Dom João.

Sou grande, branco, obeso, como é,

Naturalmente, o Imperador da China...

Não tenho a loira figura franzina

D'um galan dos romances de Bourget...

Entretanto, ha quem tenha uma fantastica

Embirração aos pobres e aos obesos ;

Para casar, devemos ser uns Crésos

E ter d'um grego a irreprehensivel plastica.
 Caprichos... Vou contar-lhes um romance.
 (*Senta-se*).

Fui noivo (e Deus valeu-me n'esse transe...)

De certa morgadinha

Que era uma burra d'ouro;

Uma burgueza ingénua, que tinha

Sobre as margens graniticas do Doiro

Um castello feudal. Notem vossencias:

No idyllio, nunca vi essa senhora.

Fui como um cego que presente a aurora

P'las matinaes olencias...

Chegaram breve as vespervas alacres,

Freneticas, das bôdas,

Em que eu iria, com as ancias todas,

Morder-lhe os labios — dois vermelhos lacres.

Fui esperal a á gare,

Trémulo. Vi-a. E creiam: ainda guardo

Na alma o seu olhar

Como um diamante pardo...

Vi-a descer, pousando o pé *mignon*

No estribo do wagon...

Mandára, adiante, a aia

Com as malas. Avanço, a medo, e vou

Beijal-a. Ri-se. Digo-lhe quem sou...

Olha-me... E n'isto, livida, desmaia...

Cahi das nuvens. Tinha sido um vago

Sonho, esse idyllio de procuração.

Quando meu tio foi pedir-lhe a mão,

Não fez constar que eu era assim obeso.

E' desde então que trago

Aqui, um grande peso...

(*espalma sobre o peito a mão*).

Nunca tinha sonhado um noivo gordo,

Ella... E eu sou nutrido, sou. Concordo...

Mas não sabem o que ella me chamou?

— Chamou-me *salsa* de Domingo Gordo!
E eu tudo supportei, cabeça baixa.

Disse-lhe apenas:— «Sou?

Pois vosselencia acha?»

Para um Romeu dandy, de chapéu alto,
Parece-me selvagem a aventura.

Não tenho eu, porventura,

Typo de leão do asphalto,

Sympathico, de traços característicos

De physionomia? Sou bojudo...

Mas não o são também os anjos mysticos

Das télas sacras? Serei anjo em tudo...

E' peccado chamar a um anjo *salsa*,

E ella chamou-m'o a mim, a mim, imberbe!

Durou o idyllio o tempo d'uma walsa,

Ou o tempo das rosas de Malherbe...

E ficou-me o ridiculo, o despeito.

Essa mulher esbelta como um vaso

D'Alhambra, hei-de esmagal-a. Dito e feito.

E para isso... caso.

E emquanto eu illumino — que delicia! —

A alma á veneziana em tom solemne,—

Ella, a chorar, por causa da noticia,

Ensopará um lenço *Valenciennes*...

E o sol do novo idyllio

Bebado d'oiro, a rir,

Decerto ha-de fundir

Os gelos d'este exilio!

Falta-me a noiva, mas arranjo-a agora,

E aquelle orgulho de burgueza, mordo-o:

(*vae para sahir e volta á bocca da scena*)

— Não haverá ahi uma senhora

Que queira desposar um homem gordo?